

Cultura escrita e projetos coloniais: "A Descrição da Patagônia" de Thomas Falkner¹

Written culture and colonial projects: The "Descripcion of Patagonia", by Thomas Falkner

Maria Cristina Bohn Martins

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
mcris@unisinos.br

Resumo: Cumprindo exílio na Inglaterra, sua terra natal, o jesuíta Thomas Falkner produziu um manuscrito no qual repertoriou experiências adquiridas nos quase 40 anos em que viveu na região do Rio da Prata, inclusive sobre áreas ainda escassamente conhecidas na Europa. O texto foi editado e publicado em 1774, em Hereford, por William Combe, sob o título *Descripcion of Patagonia and Adjoinjing Parts of South America*, sendo recebido com forte desconfiança pelas autoridades espanholas que viam nele um risco aos seus territórios coloniais. A obra é parte de uma "cultura escrita" que construiu, ao longo dos séculos XVIII e XIX, um corpo de relatos sobre territórios remotos de que a ciência europeia buscava se apropriar. Buscamos, neste artigo, analisar a "Descrição da Patagônia" a fim de refletir sobre o seu contexto de produção e edição para, depois, discutir brevemente sobre a circulação e recepção do texto entre os contemporâneos.

Palavras-chave: Descrição da Patagônia; Autoria; Edição; Ciência.

Abstract: During his exile from England, his homeland, the Jesuit Thomas Falkner manufactured a manuscript in which he reported experiences lived by him in almost 40 years living in the "Río de la Plata", including areas unknown to the Europeans. The text was edited and published in 1774, in Hereford, by William Combe, under the title "A Description of Patagonia and Adjoinjing Parts of South America", being received with great distrust by the Spanish authorities that saw on it a risk to their colonial territories. The literary work is a part of a "written culture" that build, through the XVIII and XIX centuries, a block of reports about wild territories that European science was looking forward to get known. We intent to, in this article, analyze the "Description of Patagonia" to reflect about his production background and, after that, briefly discuss about the reception and flow of the text amongst his fellow countryman.

Keywords: Description of Patagonia; Authorship; Editing; Science.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2016

Artigo aprovado para publicação em: Janeiro de 2017

¹ Este artigo resulta de pesquisa que está em desenvolvimento contando com o apoio da FAPERGS [Edital Pesquisador Gaúcho 2014] e CNPq [Edital Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, 2015].

"As obras - mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores - não tem sentido estático, universal, fixo. Elas são investidas de significados plurais e móveis [...]. Os sentidos atribuídos as suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam."

(CHARTIER, 1994)

O trabalho de escrita e publicação do texto de que aqui trataremos - *Descrição da Patagônia e partes adjacentes da América do Sul*, do Padre jesuíta Thomas Falkner - deve ser compreendido como parte de um conjunto de obras de natureza similar que, a partir de meados do século XVIII, aproximaram do público europeu culto, porções do planeta sobre o qual se tinha, ainda, pouca informação.² Em um estudo já clássico, Mary Louise Pratt³ analisou as formas pelas quais este movimento urdiu uma consciência planetária a respeito do "outro colonial" e suas culturas, inclusive a partir da constituição de um repertório semântico-cognitivo imperialista.

Nesse sentido, a *Descrição da Patagônia* poderia ser equiparada à famosa *Relação abreviada de uma viagem ao interior da América Meridional*, texto resultante de uma recém-concluída viagem ao Novo Mundo, que Charles Marie de La Condamine leu em sessão pública da Academia de Ciências de Paris, em 26 de abril de 1745.⁴ A famosa "expedição geodésica hispano-americana" havia tido como destino o Vice-Reino do Peru e buscara definir o grau de esfericidade do planeta, questionamento de grande repercussão na época.⁵

Os "franceses" viajaram depois de terem recebido uma permissão especial de Felipe V da Espanha, numa ação que buscou apresentar o monarca à comunidade internacional como

² Em sua edição de 1774, na Inglaterra, a obra foi denominada *A description of Patagonia, and the adjoining parts of South America: containing an account of the soil, produce, animals, vales, mountains, rivers, lakes, &c. of those countries; the religion, government, policy, customs, dress, arms, and language of the Indian inhabitants; and some particulars relating to Falkland's Islands*. A publicação original está disponível em: <<https://archive.org/stream/descriptionofpat01falk#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 25/07/2014. Para este trabalho, ao lado da edição original, utilizamos especialmente duas outras. A primeira edição faz parte da "Colección 'El pasado argentino'", dirigida por Gregorio Weinberg, sendo seu texto tomado de edição anterior (1910), publicada pela Universidad Nacional de la Plata, e baseada na tradução feita por Lafone Quevedo. Trata-se de: FALKNER, P. Tomas. *Descripción de la Patagonia y de las partes contiguas de la America del Sur*. Traducción y notas de Samuel A. Lafone Quevedo. Estudio Preliminar de Salvador Canals Frau. Buenos Aires: Libreria Hachete, 1974. A outra foi organizada por Raúl José Mandrini que é, igualmente, autor do seu estudo preliminar: FALKNER, Tomás. *Descripción de la Patagonia y de las partes contiguas de la America del Sur*. Buenos Aires, Taurus, 2003. Tanto a edição de 1974 quanto a de 2003 mantêm as notas de Lafone Quevedo. Uma advertência anterior ao início da primeira, esclarece que foi respeitada - o mais possível - a versão de Lafone Quevedo, tendo sido feitos apenas alguns reparos na "forma especial de pontuação" do tradutor, para facilitar a compreensão dos leitores.

³ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império*. Relatos de viagem e transculturação. São Paulo: Edusp, 1999.

⁴ Poucos dias depois, em uma reunião privada na Biblioteca do Rei, La Condamine se dirigiu a um público seleta, no qual estavam Buffon, o botânico Jussieu, o astrônomo Pierre Bouguer, o naturalista Louis-Jean-Marie Daubenton e o enciclopedista e matemático Jean Le Rond D'Alembert. Na oportunidade, leu "cartas de correspondentes oriundos de Quito e Belém", conectando a comunidade acadêmica europeia com uma crescente rede científica na América do Sul. Ver: SAFIER, Neil. Como era ardiloso meu francês: Charles-Marie de La Condamine e a Amazônia das Luzes. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, n. 57, 2009. p. 91-114, p.92.

⁵ Havia uma discordância entre os franceses, defensores de que a Terra era uma esfera perfeita, e ingleses, que a supunham achatada nos polos. Para resolvê-la, a Academia de Ciências de Paris enviou um grupo de cientistas à região meridional americana com a missão de comparar as medidas do arco do meridiano na altura no Equador, com as efetuadas nos polos por outra expedição dirigida para a Lapônia (PRATT. *Op. cit.*, 1999; SAFIER. *Op. cit.*, 2009).

um governante ilustrado e colaborador com o avanço do conhecimento científico.⁶ Foram, contudo, acompanhados por dois capitães espanhóis, com os quais travaram relações bastante tensas, que acabaram evidenciando os limites da cooperação internacional que possibilitou o projeto. De certa forma, como veremos adiante, as vicissitudes que estiveram envolvidas na edição de 1774, a primeira que a *Descrição da Patagônia* recebeu, corroboram no entendimento do panorama de forte rivalidade entre os países europeus por controlar informações a respeito do "resto do mundo".

A *Relação abreviada* foi apenas um dos textos gerados pela "expedição geodésica". Além daqueles produzidos por seus colegas, o próprio La Condamine escreveu vários outros, tornando-se o principal porta-voz do grupo.⁷ Segundo Mary Louise Pratt, o sucesso desta expedição pode ser avaliado justamente pela série de relatos que engendrou, bem como pela receptividade que os mesmos mereceram, em circuitos orais e escritos. Com efeito, o avanço da imprensa gerou não apenas novos gêneros de impresso (folhetos, jornais, panfletos, etc.), como novas comunidades de leitores, sendo que entre alguns destes grupos, relatos de viagem tinham grande popularidade.

Também os emissários espanhóis tiveram editada, ainda em 1748, a sua *Relación del Viage a la América Meridional*, além de outras obras que se seguiram a ela.⁸ O conjunto do que foi produzido e a atenção que mereceram tais escritos, são reveladores da receptividade a este tipo de literatura que acendia a imaginação do público europeu sobre eventos transcorridos em "lugares exóticos". Eles eram, neste sentido, o aparato através do qual "os cidadãos europeus se relacionaram com outras partes do mundo".⁹

Porém, se em tais aspectos a *Relação abreviada* e a *Descrição da Patagônia*, se aproximam, em vários outros as obras guardam notáveis diferenças. De fato, enquanto a primeira foi publicada em 1745, logo que se encerrou a viagem que fundamentou o texto, e teve ampla circulação, a segunda experimentou um fortuna bastante diferente. Entre outras coisas, podemos dizer que ela teve recepção bem mais discreta, apesar de referir-se a uma

⁶ Jorge Juan y Santacilia e Antonio de Ulloa foram os emissários que acompanharam os franceses a fim de evitar que eles tivessem acesso a conhecimentos estratégicos. Além disso, deveriam registrar a viagem em um diário, tomar medidas físicas e astronômicas, fazer cálculos de longitude e latitude, estudos de botânica e mineralogia, informar portos e fortificações e desenhar plantas e mapas. Também deviam descrever os costumes das comunidades visitadas e elaborar um informe secreto da situação política e social dos territórios coloniais, a fim de municiar as autoridades de informações sobre eles. Ver sobre isto: MARTINS, Maria Cristina Bohn. Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, n. 2, 2012. p. 303-324.

⁷ Ver: LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000. Além desta obra, destacam-se: "*l'Équateur...*" (1751), de "*Mesure des [...] degres du meridiem dans l'Hémisphere Austral...*" (1751) e de "*Supplément au Journal historique du voyage a l'Equateur ...*" (1752-1754).

⁸ Os textos elaborados pelos capitães espanhóis como resultado da expedição foram: "*Relación [...] del Viage a la América Meridional, hecho de orden de S.M. [...]*". Madrid: Imp. Marín, 1748"; "*Observaciones Astronómicas y Físicas [...] en los Reynos del Perú*". Madrid: Imp. Zúñiga, 1748; "*General [...] obra de Observaciones y de Historia del Viage [...] del Perú...*" Madrid: Imp. Marín, 1749; "*Disertación Histórica y Geográfica sobre el Meridiano de Demarcación [...]*". Madrid: Imp. Marín, 1749 e "*Noticias Secretas de América, sobre el estado [...] del Perú y provincia de Quito*". Londres, 1826.

⁹ PRATT. *Op. cit.*, 1999, p. 53.

região sobre a qual havia, então, bastante interesse, especialmente à medida que a navegação pelo Cabo de Hornos vinha sendo retomada.¹⁰

O texto escrito a partir das memórias de um velho jesuíta sobre sua estada nos territórios da Pampa-Patagônia da atual República Argentina, aportou um quadro de informações inéditas ao público europeu, especialmente inglês, sobre territórios que mesmo os espanhóis pouco conheciam. De fato, em meados do Setecentos, o território que se estendia ao sul de Buenos Aires era praticamente ignoto para os ocidentais. Foi somente a partir de 1740, quando os padres da Companhia iniciam um trabalho de "missão por redução" nesta área, que a região chamada "tierra adentro" e suas populações passaram a ser descritas mais sistematicamente.

Diferentemente do francês que adotou um estilo híbrido – entre a memória acadêmica (que conferia prestígio) e o relato de sobrevivência (capaz de cativar o público não especialista) –, Thomas Falkner escreveu uma narrativa basicamente pautada pelo esforço informativo a respeito das possibilidades do território. É notável que o autor não tenha se ocupado de um aspecto que se poderia esperar que assumisse papel sobressalente: o do trabalho de evangelização dos nativos por parte dos jesuítas. Desta forma, a *Descrição da Patagônia* guarda pouca semelhança com os inúmeros livros elaborados por seus colegas que do exílio produziram um considerável conjunto de textos sobre suas experiências americanas, obras que fizeram parte, em boa medida, do esforço para defender a ação da Companhia de Jesus no Novo Mundo.

Justamente por isso, por compreender que o texto do religioso inglês é bastante singular em relação ao conjunto do que escreveram esses homens que partilharam a experiência do degredo, bem como dos "relatos de sobrevivência" que atraíram o público europeu, buscaremos aqui apresentar e discutir as condições em que foi produzida a *Descrição da Patagônia*. A partir destas considerações, desenvolveremos também uma análise do destino desta obra, refletindo sobre a particular circunstância histórica em que Falkner se tornou um tradutor da realidade dos territórios austrais americanos aos seus interlocutores. Atentos às ponderações de Roger Chartier¹¹ a respeito dos significados "móveis e plurais" dos textos, desenvolveremos também uma reflexão sobre as vicissitudes de sua edição e recepção nos círculos leitores da época. Para isto, é preciso começar situando o autor das memórias que deram origem à obra.

¹⁰ Assim, por exemplo, os itinerários das viagens de circum-navegação de George Anson (1740-1741) e Louis Antonio Bougainville (1766-1769) sinalizam a competição entre ingleses e franceses pela liderança marítima e conhecimento desta área. Ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar*. U.S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos. SP: Intermeios, 2015.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998. _____. "Textos, Impressos, Leituras". In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238. _____. "A Mediação Editorial". In: CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

Um jesuíta inglês nas regiões austrais do Império Espanhol

"[...] la relación de un viejo viajero."
(William Combe, 1774)

Algumas informações preliminares contribuem para delinear, ao menos parcialmente, a cena em que atuou o autor de que aqui nos ocupamos. Antes de se instalar em Hereford, onde, já idoso, escreveu sobre suas experiências na América do Sul, Thomas Falkner experimentou uma trajetória incomum para sua época. Filho de um casal de calvinistas ingleses, ele nasceu em Manchester, em 1702. Depois de iniciar seus estudos na cidade natal, transferiu-se para Londres¹² a fim de cursar medicina. Ao término desta formação, empregou-se como médico e cirurgião da companhia inglesa que recebeu, pelo Tratado de Utrecht,¹³ o direito de comercializar escravos com as colônias espanholas do Novo Mundo. Foi na condição de funcionário da Compañía del Mar del Sur que Falkner embarcou para o Rio da Prata, estando ainda, paralelamente, comissionado pela Royal Society de Londres como físico e botânico.

Sob tal aspecto, podemos incluir a viagem do inglês no rol dos investimentos da Europa em um projeto científico e cultural que, como concluiu Mary Louise Pratt, pretendia reduzir o "resto do mundo" às normas padronizadas da racionalidade ilustrada.¹⁴ O estabelecimento da posse intelectual e abstrata da natureza e de certos saberes, era tributário destas viagens e dos materiais escritos que derivavam delas, como foi o caso dos textos resultantes da expedição geodésica de 1735-1745, da *Description of Patagonia*, e de tantos outros. Falkner esteve assim, incumbido pela Royal Society de estudar as propriedades médicas das águas e ervas da região que iria visitar, sendo que seu interesse de "viajante naturalista" sobre estas últimas, fica muito evidente na leitura da obra.

A visita do jovem médico ao porto de Buenos Aires se relaciona pois, à concessão de negociar escravos africanos que a monarquia castelhana viu-se obrigada a ceder à Inglaterra ao final da Guerra de Sucessão Espanhola (1700-1713). Em um navio da companhia comercial, aos 27 anos, ele entrou na viagem que mudaria radicalmente os rumos de sua vida. A embarcação, provavelmente o *Siria*,¹⁵ dirigiu-se inicialmente para a Guiné, onde recolheu a carga de escravos reservada para Buenos Aires, onde chegou em maio de 1730. De lá, acompanhando os africanos desembarcados, Falkner partiu em direção ao interior, o que lhe

¹² Existem pequenas discrepâncias sobre aspectos até certo ponto secundários da vida de Falkner, por exemplo, relativamente a ele ter estudado em Londres ou na Universidade de Edimburgo. Por isto mesmo, é necessário esclarecer que seguiremos neste trabalho as informações coligidas por Guillermo Furlong e que constam da obra *Tomas Falkner y su "Acerca de los Patagones"*, de 1954. Embora as apreciações de Furlong, também jesuíta, apresentem uma clara marca institucional e intenção apologética, elementos que cabe ao trabalho do historiador discernir, procedem de sua obra, o melhor conjunto de dados que nos foi possível reunir. Certamente Furlong teve a sua disposição uma série de fontes que não eram acessíveis para outros interessados na vida deste personagem. Ver: FURLONG, Guillermo. *Tomas Falkner y su "Acerca de los Patagones"* (1788). Buenos Aires: Librería del Plata, 1954.

¹³ A "Paz de Utrecht" vem a ser, na verdade, um conjunto de tratados firmados entre 1713 e 1715, pelos estados antagonistas na "Guerra de Sucessão Espanhola".

¹⁴ PRATT. *Op. cit.*, 1999.

¹⁵ FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 14.

oportunizou percorrer os territórios de uma ampla região (Santa Fé, Córdoba e Mendoza) que, em princípio, estaria fechada à presença de estrangeiros. Sabemos que chegou a Santiago do Chile em março de 1731; dali regressou para Buenos Aires, onde adoeceu.

Não há informações sobre o mal que acometeu o inglês, mas o certo é que, tendo sido atendido pelo padre Sebastián de San Martín, da Sociedade de Jesus, Falkner adotou o catolicismo e entrou, em 1732, para a Ordem. Depois disto, dirigiu-se para Córdoba onde se localizava o noviciado e a Universidade dos jesuítas na região; seus votos foram proferidos em 1734 e, em 1739, ele foi ordenado sacerdote. O nome pelo qual viria a ser conhecido pelos seus pares foi "Tomás Falkoner", numa "castelhanização" que era recorrente entre os jesuítas que vinham de diversas partes da Europa para atender às necessidades da Assistência de Espanha.

Numa época próxima à que La Condamine iniciava sua trajetória de reconhecimento científico na França, Falkner colaboraria para a fundação (1746) de uma missão – *Nuestra Señora del Pilar del Volcón* – na região interserrana que se localiza próximo da atual Mar del Plata. Ele também passou temporadas na estância jesuítica de Areco, lecionou em Córdoba e atuou como médico, entre outras coisas, até ser, juntamente com seus colegas, condenado ao desterro, em 1767. Encaminhado a Cádiz e, depois, à Inglaterra, viveu aí até a sua morte em 1784 – aos 77 anos de idade e 52 anos depois da conversão ao catolicismo –, não sem antes escrever o manuscrito que serviu de base para a edição da *Descripcion of Patagonia and Adjoinjing Parts of South America*.

Textos do exílio: para uma memória da Companhia

"[...] los jesuítas tenían claro que no solamente era menester trabajar por la 'defensa y dilatación de la fe católica' sino que también tenían que contarlo."

(Fernández Arrilaga, 2013).

A historiografia cunhou o nome "geração dos exilados" para fazer referência ao grupo de jesuítas desterrados da América pela Pragmática Sanção de Carlos III, promulgada em 1767.¹⁶ Não se pode precisar o número exato dos expulsos, mas ele ultrapassou a cifra dos 2 mil homens.¹⁷ Da Província Jesuítica do Paraguai, à qual pertencia Thomas Falkner, foram

¹⁶ A expulsão da Companhia de Jesus dos domínios coloniais hispânicos deve ser compreendida como parte das chamadas "reformas ilustradas" levadas a efeito no século XVIII pelos Bourbons. Foi, de alguma forma, uma tomada de posição dos novos monarcas diante da riqueza e do poder da Igreja nos territórios coloniais, e atingiu a Ordem mais preeminente no Novo Mundo. Os jesuítas dirigiram, então, uma série de empreendimentos, entre os quais um grande conjunto de "reducciones de índios", como aquelas em que trabalhava Thomas Falkner. Sobre a produção escrita dos jesuítas no exílio, ver: DOMINGUES, Beatriz. *Tão longe, tão perto*. A Ibero-América e a Europa ilustrada. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2007. PAGE, Carlos A. *Relatos desde el exilio*. Memorias de los jesuítas expulsos de la antigua Provincia del Paraguai. Asunción: Servi Libro; Fundación Carolina; CSIC; CONICET, 2011.

¹⁷ Carlos Page informa que uma relação datada de 3/06/1769 indica terem chegado ao Porto de Santa Maria 2.116 jesuítas: 563 da Nova Espanha, 202 de Quito, 204 de Santa Fé, 406 do Peru, 302 do Chile e 449 do Paraguai. Uma vez na Europa, em sua maioria eles foram admitidos nos Estados Papais (Faenza, Ravena, Brisighella, Bologna e Ímola), mas Thomas Falkner conheceu um destino diferente. Por ser inglês, depois de ter chegado a Cádiz, ele foi separado de seus colegas e enviado para a Inglaterra. Ver: PAGE. *Op. cit.*, 2011, p. 18.

embarcados 449 homens que formavam um grupo internacional e muito preparado intelectualmente. Alguns, além de serem fontes indispensáveis para a etno-história americana, tiveram papel importante no surgimento das "novas ciências do homem", como a linguística e a antropologia.

No exílio, os homens dessa "geração" escreveram inúmeras obras, num exercício intelectual que deve ser analisado a partir de vários ângulos como, por exemplo, se constituindo em uma resposta às suas necessidades de organizar recordações e emoções sobre o ocorrido. Entretanto, como lembrou Fernández Arrillaga,¹⁸ estas obras são, igualmente, fruto de uma ação meditada e reflexiva que pretendeu defender a Companhia de Jesus das críticas que lhe eram dirigidas. Deste modo, tal "escrita do exílio" pode ser compreendida como a versão dos próprios jesuítas sobre as atividades que lhes haviam gerado censura e suspeição.

É conhecida, de outra parte, a perspectiva segundo a qual os expulsos escreviam diante da nostalgia dos territórios e do trabalho ao qual alguns tinham dedicado largos anos de suas vidas. Sob este ponto de vista, há quem encontre, nos materiais formulados pelos religiosos, uma maneira de participar da "polêmica do Novo Mundo", debatendo com os detratores da natureza americana como Buffon e De Paw, por exemplo.¹⁹ Esta é a interpretação emprestada por Beatriz Domingues para a *Historia Antigua de Mexico* de Francisco Javier Clavijero. De acordo com a autora, a expatriação parece ter aguçado nos jesuítas mexicanos, de forma especial em Clavijero, "um vínculo com a pátria mexicana, que não foi somente afetivo, mas uma decisão intelectual". Desta maneira, eles "se propuseram a mostrar à Europa da Ilustração [...] a natureza e as histórias mexicana e americana".²⁰ Além disto, escrevendo da Europa sobre a América, alguns destes "expulsos", teriam contribuído para romper com o regionalismo *criollo* e gerar um sentido de autoidentificação.

Considerando esses aspectos, atualmente se tem advogado a necessidade de falarmos em "Ilustrações", reconhecendo as agendas de outros países que não a França. Os reinos ibéricos por exemplo, passam a ser tidos como parte deste movimento cultural, sobretudo por meio de uma "Ilustração Católica" representada pelos jesuítas.²¹ Elaborada na Inglaterra por um religioso banido do Rio da Prata, a *Descripción de la Patagonia* partilha apenas parcialmente das características da chamada "escrita jesuítica". Para compreender esta assertiva, é importante acompanharmos sua trajetória de produção e edição.

¹⁸ FERNÁNDEZ ARRILAGA, Inmaculada. *Tiempo que pasa, verdade que huye*. Crónicas inéditas de jesuítas expulsados por Carlos III (1767-1815). Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2013. p. 71.

¹⁹ Os jesuítas teriam sido "los primeiros retractores de esas teorías". PAGE. *Op. cit.*, 2011, p. 54. Sobre a "querela da América", ver: GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. *Como escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2007.

²⁰ DOMINGUES. *Op. cit.*, 2007, p. 185.

²¹ DOMINGUES. *Op. cit.*, 2007, p. 33.

A Patagônia em "papeles y notas" de um jesuíta

"Convocado como modelo, o passado é naturalmente [...] constituído por fragmentos escolhidos."

(HARTOG, 2011)

A maioria dos autores que estudam a expulsão dos jesuítas dos territórios americanos concorda com a ideia de que as autoridades encarregadas de providenciar o banimento dos religiosos quiseram impedir que eles levassem consigo material escrito que não fossem seus livros de oração.²² Ao aceitarmos esta premissa, devemos concluir que o manuscrito que deu origem à "Descrição da Patagônia" é, em boa medida, resultado das recordações de Thomas Falkner, elemento que se faz presente no texto em algumas oportunidades. Portanto, um elemento essencial na sua análise reside em considerarmos que há uma diferença de tempo interposta entre as experiências vividas e o relato escrito dessas experiências. Ou seja, não nos é dado captar o tempo como ele ocorreu; por olharmos o passado sempre a partir do presente, é preciso "reconstituí-lo".²³ Sobre a representação que fez de Nicolás Cangapol, um importante chefe indígena da região, por exemplo, ele escreve: "He tratado de dibujar su retrato por lo que me acuerdo de él".²⁴ Era exatamente esta experiência direta, o que valorizava o conhecimento do religioso entre os interlocutores ingleses com os quais ele se relacionou.

Com efeito, a partir de meados do século XVIII, "novos exploradores" vão "narrar o mundo" em um ulterior momento da expansão europeia, no qual a conversão religiosa não estava mais em primeiro plano. Desde então, a história natural embasaria uma nova lógica colonialista, de caráter secular e global. Segundo Pratt, este movimento que se apresentou como de "anticonquista", naturalizou a presença e a autoridade global da Europa em outros continentes.²⁵ A concorrência pela "apreensão do mundo", ao mesmo tempo que situava algumas delas como competidoras entre si, estabelecia uma diferença de natureza qualitativa entre as nações "esclarecidas" e as demais.

O fato de que Thomas Falkner partiu para a América comissionado pela Royal Society de Londres o situa entre os viajantes naturalistas típicos de sua época. A vivência religiosa que desenvolveu – após uma experiência que podemos conjecturar que tenha sido traumática a ponto de inspirar sua conversão – não parece ter apagado nele o interesse por decodificar o mundo a partir da ciência. Ao longo do texto é possível ver que é com esta lente que ele mira a realidade que vai, depois, traduzir em texto.

Outro elemento que se destaca no texto é a marca da experiência direta, sobre a qual fizemos menção acima, diferenciando os "cientistas de gabinete" dos "viajantes naturalistas".

²² Guillermo Furlong sugere que o sacerdote inglês teria levado não apenas seus manuscritos como ainda alguns objetos, entre os quais: um traje dos índios patagões, uma taça elaborada de um "corno de boi" e uma vasilha feita de cobre chileno. FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 94.

²³ HARTOG, François. *Evidência da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

²⁴ FALKNER. *Op. cit.*, 2003, p. 88.

²⁵ PRATT. *Op. cit.*, 1999.

Efetivamente, nas primeiras décadas do Setecentos, a comunidade científica não era unânime em suas avaliações sobre a contribuição que as expedições científicas traziam ao conhecimento. Kury lembra que muitos dos mais célebres naturalistas europeus nunca viajaram, e que o gabinete era, para alguns, o lugar por excelência de produção do conhecimento. Neste sentido, ainda segundo ela, a viagem podia ser vista como uma tarefa menor, a cargo de "naturalistas mais jovens, oficiais da Marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico, ou aventureiros em geral".²⁶ Paulatinamente, porém, a observação direta se estabeleceria entre os argumentos legitimadores do conhecimento, conferindo autoridade e proeminência aos envolvidos em tais empreendimentos.

Ao longo dos seis capítulos que compõem a obra,²⁷ Falkner apela várias vezes à condição de "observador" para legitimar afirmações. Isto pode ser verificado, por exemplo, no que afirma sobre o mapa que acompanha o livro:

Algunas modificaciones he introducido yo en la costa oriental, que visite el año 1746, como también en la región del cabo San Antonio, donde estuve viviendo algunos años. En la descripción que hago del interior, por lo general me he ajustado a las propias observaciones, porque lo he recorrido en gran parte [...].²⁸

Em outro momento, sobre a região de Córdoba, ele diz: "La primera vez que entré por aquellos lugares di con alguna gente de estos índios que aún se mantenía poblada en las márgenes de los ríos Segundo y Tercero".²⁹ Mais adiante, conta que, nas margens do rio Carcarañá, havia farta quantidade de ossos grandes que lhe foi possível analisar:

He visto fémures, costillas [...] y en especial algunos molares que alcanzaban a três pulgadas de diámetro en la base. [...] Yo en persona descubri la coraza de un animal que constaba de unos huesecillos hexágonos, cada un de ellos del diámetro de una pulgada cuando menos [...].³⁰

Assim sendo, o autor valoriza recorrentemente as passagens em que as experiências sensível e concreta são a fonte do conhecimento auferido. Ela (a experiência) surge como a norma que autoriza a produção do discurso segundo um tópico característico da ciência

²⁶ KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos*. RJ, 2001. p. 864. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 05/03/2008.

²⁷ Capítulo I - Del suelo y productos de la parte más central de América; Capítulo II - La descripción del país de los índios, y de sus valles, serranias, ríos, etc.; El gran Río de la Plata, con sus afluentes, peces y puertos; Capítulo III - Sigue la descripción del país de los índios, con sus vales, serranias, ríos, etc.; Tierra del Fuego e islas Malvinas; Capítulo IV - Description de los habitantes de la parte más austral de la América que figura en el mapa; Capítulo V - Religión, gobierno, política y costumbres de los moluches y puelches; Capítulo VI - De la lengua de los habitantes de esta tierra.

²⁸ FALKNER. *Op. cit.*, 2003, p. 88.

²⁹ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 75.

³⁰ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 82-83.

moderna: "O sujeito se torna um observador do mundo. E enquanto observador do mundo, o sujeito é a única posição legítima de produção do saber".³¹

Esse dado pode ser novamente constatado quando o jesuíta explica ter ele próprio provado as qualidades terapêuticas de certa planta,³² ou quando usa o argumento da "autópsia"³³ para narrar a descoberta e o estudo daquele que é tido, hoje, como o primeiro "achado" palenteológico argentino: "Yo en persona", ele diz, descobri a couraça de um animal. E ainda que, ao fazer um "examen anatómico de los huesos me convencí, casi fora de toda duda, que esto incremento inusitado no procedía de la acreción de materias extrañas porque encuentre que las fibras óseas aumentaban en tamaño en la misma proporción de los huesos".³⁴

Além desse, outro aspecto sobressalente no texto resulta do esforço do autor em indicar a proveito daquilo que observa na natureza da área. Ao apontar e descrever árvores, por exemplo, ele explica o uso que os índios davam a elas; disserta, também, sobre a utilidade que poderiam ter, em geral, para produzir madeiras, remédios, gomas, incensos. Sobre o salitre, diz: "podrá recogerse en grandes cantidades si se estableciese una industria".³⁵ Com muita frequência ele emprega os termos "útil" e "utilidade". Isto é, embora as autoridades espanholas tenham se mostrado contrariadas pela edição do livro, aparentemente as observações feitas pelo sacerdote antes do seu desterro, estavam em sintonia com o desejo dos reformadores ilustrados em buscar conhecer melhor as fronteiras dos territórios coloniais e prospectar suas possibilidades econômicas.

Em contrapartida, a narrativa de Falkner não rememora o trabalho missionário, dele ou de seus colegas, numa discrepância bastante substancial de grande parte do *corpus* elaborado pelos membros da Companhia de Jesus a partir de sua trajetória americana.

Foi bastante estendida entre os jesuítas, e isto não apenas entre os "expulsos", a prática da exaltar e defender a ordem e o trabalho de seus agentes.³⁶ O fato de o livro não apresentar nenhum traço desta natureza pode ser entendido como um tributo do processo de edição sofrido pelo texto, matéria que analisaremos adiante.

Antes disso, contudo, é necessário elucidarmos uma outra questão apenas apontada em outro momento. Dissemos anteriormente que o manuscrito de Tomas Falkner em parte se constrói com base no que o jesuíta coligira pessoalmente em territórios que percorreu em sua estada no Novo Mundo. Entretanto, é sabido que diversas regiões apresentadas na

³¹ GUMBRECHT, H. U. Materialidades de comunicação: viagem de uma intuição. In: SUSSEKIND, F.; DIAS, T. (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. p. 17-27, p. 19.

³² "Como yo y varios de mis amigos recogimos bastante bolsas de este té, y lo repartimos entre muchas personas, tuve ocasión de observar sus efectos, y de ello me resultó que dava apetito y que ayudaba a la digestión, siendo remedio contra jaquecas, apepsias crónicas [...] que se habían resistido a todos los demás remedios [...]". FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 73.

³³ HARTOG, 2011.

³⁴ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 83.

³⁵ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 65.

³⁶ Sobre este tema ver: OLIVEIRA, Paulo Rogério de Melo de. Um estilo jesuítico de escrita da história: notas sobre estilo e história na historiografia jesuítica. *Revista História e Historiografia*. Ouro Preto, n. 7, nov.-dez./2011, p. 266-278. MARTINS, Maria Cristina Bohn. História de histórias. Os jesuítas e as crônicas coloniais. In: KARNAL, Leandro et al. (Org.). *Cronistas do Caribe*, Campinas, Editora da UNICAMP, v. 12, 2012, p. 71-92.

"Descripción", não foram diretamente conhecidas por ele. Isto é, uma parte de suas "descrições" provêm de dados obtidos por outros caminhos que não a observação direta. Assim sendo, embora o próprio título da obra se refira à "Patagônia", na verdade o seu autor não frequentou esta região.

Tras sua primeira viaje hasta Santiago de Chile, y tras su retorno a Buenos Aires, Falkner residió varios años en Córdoba durante su formación sacerdotal y los primeros años de su vida religiosa. Fue entonces cuando visito Santiago del Estero, seguramente em mayo de 1742. En Córdoba volvió a residir nuevamente luego de su experiencia por el sur bonaerense, actuando como sacerdote y médico, sin abandonar sus intereses como naturalista. Debí entonces conocer bien los alrededores de esta ciudad y, sin duda, incursionó en las pampas cordobesas, donde debí tener sus primeros contactos con las poblaciones indígenas de las llanuras meridionales. También vivió en la desembocadura del río Carcarañá, en la actual provincia de Santa Fe -región que llegó a conocer bien-, entre 1752 y 1757 [...] como administrador de la estancia que poseía el Colegio de Santa Fe. Es probable que también visitara el delta del Parana, donde existía otra estancia jesuítica. No parece en cambio haber estado en los territorios del Chaco, ni en las misiones del Paraguay, como a veces se ha dicho.³⁷

Sua experiência mais importante fora do espaço da cidade de Buenos Aires e Córdoba ele obteve ao trabalhar como missionário em *Nuestra Señora del Pilar del Volcón*, povoado que contribuiu para fundar em 1747. Desde ali, o jesuíta percorreu os territórios adjacentes, na direção do litoral e do interior, contatando distintas parcialidades indígenas, especialmente aquelas que os documentos da época qualificam de "pampas e serranos", "patagones" das distantes terras do sul, e "aucas", termo que dizia respeito aos índios transcordilheiranos.

Como missionário, o "Padre Falkoner" conheceu bem alguns personagens que foram protagonistas do processo histórico em curso nessa fronteira imperial, marcado, nessa época, por intensos conflitos entre indígenas e povoadores ocidentais. Este é o caso do já referido cacique Cangapol, a quem os espanhóis alcunharam de "Bravo",³⁸ cujas "tolderias" se localizavam na região do Rio Negro, próximas do ponto de encontro entre o Limay e o Neuquén. Sobre ele, escreveu o jesuíta;

Su persona y su traje están representados en el mapa, como también el de su mujer Huenec. Este caudillo llamado el cacique Bravo por los españoles, era alto y bien proporcionado. Debí medir unos siete pies y pulgadas de alto, porque parado yo en puntas de pies no podía alcanzar a la corona de la cabeza. Lo traté mucho e intimamente e hice algunas viajes con él. No me acuerdo haver visto índio alguno que aventajasse Cangapol en más de una o dos pulgadas de alto, y Sausimian, su hermano, no pasaba de los seis pies de alto.³⁹

³⁷ MANDRINI, Raúl. Estudio preliminar. In: *Descripción de la Patagonia y de las partes contiguas de la America del Sur*. Buenos Aires, Taurus, 2003, p. 23-24.

³⁸ Bravo foi um dos responsáveis pelo arrasador ataque às propriedades hispano-crioulas em 1740, bem como foi um dos negociadores das *Paces de Casuati* de 1742, que permitiram a instalação das missões jesuíticas na campanha de Buenos Aires. Esteve depois, envolvido nas ofensivas que culminaram na destruição e no abandono de dois dos povoados missioneiros ali erigidos. Ver: MARTINS, Maria Cristina Bohn. Jesuítas e índios nas "missões austrais": Uma experiência na pampa argentina (Século XVIII). *Revista História e Cultura*. Franca-SP: v.3, n.2, p. 233-249, 2014.

³⁹ FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 53.

Essa questão serve ao autor para desqualificar notícias sobre o suposto "gigantismo" dos habitantes da Patagônia, as quais tinham origem no relato de Pigaffeta, participante da viagem de Fernão de Magalhães: "Los patagones o Puelches son gente corpulenta; mas nunca tuve noticias de esta nación de gigantes tan mentada por otros [...]".⁴⁰

O tema da "etnografia" produzida por Falkner é bastante polêmico, e suas informações foram amplamente desmerecidas neste aspecto, notadamente as "classificações" que ele produz. Realmente, tanto ele quanto seus colegas, Sanchez-Labrador e José Cardiel, foram bastante utilizados e discutidos pela etnologia argentina de meados do século XX, especialmente no que tange ao esforço de definir "etiquetas étnicas" para as populações nativas. Os missionários de fato, esforçaram-se por apresentar um quadro para ordenar e fixar uma realidade altamente dinâmica, segundo critérios que são recusados atualmente.⁴¹ Apesar do uso por vezes equivocado que se fez destes "rótulos", Raúl Mandrini avalia que não se pode, porém, desconsiderar que Falkner brinda seus leitores com um primeiro olhar integral e compreensivo do mundo indígena da área, constituindo-se em testemunho fundamental sobre ele.⁴²

Essa conclusão não implica em desconhecer os problemas da perspectiva que o jesuíta oferece sobre os grupos indígenas. Primeiramente, há que se ter em conta que o seu olhar se dirige para populações a serem "civilizadas" e que são sempre pensadas como "primitivas" de acordo com um parâmetro que é dado pelas sociedades de cultura europeia. Fabian Árias, ao analisar as classificações étnicas que Falkner reproduz, discute justamente a inconveniência de tomarmos as informações do jesuíta como dados "positivos", sem avaliar que ele age "como observador y [...] cronista al mismo tiempo".⁴³

Não há dúvida de que os textos jesuíticos sobre as populações indígenas são importantes na medida em que trazem um repertório de informações que não se encontra em nenhum outro. No entanto, eles devem ser compreendidos como parte de uma tradição descritiva ocidental, desenvolvida basicamente por europeus em favor de suas ações colonialistas. Fazem parte, desta maneira, de uma cultura escrita que ajuda a construir a ideia de inferioridade do "outro" que sustenta as práticas coloniais. Por isto, utilizá-los como "fonte histórica" para tentar apreender as dinâmicas das sociedades nativas requer ter em perspectiva o "campo discursivo" em que eles se situam. Todavia, o fato de eles apresentarem-se problemáticos para a compreensão do panorama étnico ou mesmo de outras questões que fariam parte de uma "etnografia histórica" das populações nativas, não diminui sua crucial importância para entendermos as circunstâncias da região em meados do XVIII.

⁴⁰ FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 54-55. Também sobre a dificuldade que a ciência da época encontrava em medir a longitude, Falkner se manifesta, buscando corrigir versões distorcidas sobre a extensão do território patagônico.

⁴¹ ÁRIAS, Fabian. Las clasificaciones jesuitas del mundo indígena pampeano patagónico. El caso de Tomás Falkner. SJ, 1744-1774. *Revista sociedades de paisajes áridos y semiáridos*. Universidad Nacional de Río Cuarto, v. 1, Año 1, 2009, p. 225-243.

⁴² MANDRINI. *Op. cit.*, 2003, p. 44.

⁴³ ÁRIAS. *Op. cit.*, 2009, p. 226.

[...] los escritos referidos brindan una lectura regional (y hasta microhistórica en algunos casos concretos) que dan cuenta de los fuertes particularismos socio-históricos en los que incluso el narrador se ve claramente influenciado (y hasta diría capturado), mostrándonos una dimensión de la problemática general de la "conversión y aculturación" mucho más fragmentada de lo que se imaginaron originalmente los estudiosos.⁴⁴ (Grifo nosso)

Por conseguinte, como dissemos, em que pesem os equívocos, a limitação das fontes de informação e os marcos conceituais com que operava o autor, a *Descripción de la Patagonia* vem a ser uma fonte de importância única, pelos dados que traz de muitos aspectos da vida indígena.⁴⁵ Ao tempo em que foram elaborados, escritos deste tipo davam aos europeus o acesso a um corpo de conhecimento enciclopédico sobre regiões muito pouco conhecidas e sobre as quais, ao longo do século XVII, se estabelece um acentuado interesse. Foi esta "informativa literatura jesuítica que pioneiramente proveu a Europa com um conhecimento detalhado da América [...], reforçando o [seu] exotismo [...], um importante traço do pensamento ilustrado".⁴⁶

Falkner escreveu um texto resumindo as vivências de um sujeito que, tendo se convertido ao catolicismo e ingressado na Ordem dos Jesuítas, não deixou de ver o mundo pelas lentes de um naturalista e herborista. Como já vimos, foram estas qualidades que o tinham qualificado pela Royal Society para partir em direção ao Novo Mundo nos finais do ano de 1729.⁴⁷ Com isto, podemos inclusive classificar suas descrições sobre a região que chamou indevidamente de "Patagônia", a partir de um campo que ia se constituindo como "ciência natural" e que, como já mencionamos, ganhava importância na Europa, como se percebe pela repercussão das descrições da Amazônia realizadas por La Condamine depois de 1745.

Se atentarmos para alguns dos interlocutores citados por Falkner na obra, a exemplo do francês Louis Antoine Bougainville, podemos supor que, ao menos no momento de escrevê-la, ele estava a par dos avanços das expedições que se organizavam "em nome da ciência". Ele também faz referência, à tradução inglesa da *Viaje de Ulloa en la América del Sul*, indicando que acompanhara os desdobramentos da "Missão Geodésica" de 1735.⁴⁸

Notícias sobre o manuscrito elaborado pelo jesuíta na Inglaterra motivaram que ele fosse visitado por naturalistas de renome. Também se interessou pelo material aquele que veio a ser o editor do manuscrito, William Combe.

⁴⁴ ÁRIAS. *Op. cit.*, 2009, p. 226.

⁴⁵ MANDRINI. *Op. cit.*, 2003, p. 49-50.

⁴⁶ DOMINGUES. *Op.cit.*, 2007, p. 193.

⁴⁷ Segundo Furlong, ele teria sido aluno de um afamado anatomista, Ricardo Mead, e do matemático e físico Isaac Newton. Esta experiência pregressa teria sido importante para que ele fosse o fundador da cátedra de Matemática da Universidade de Córdoba. FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 11.

⁴⁸ Ele deve estar se referindo a *Relación histórica del viaje hecho de orden de su Majestad a la América Meridional*, publicada em Madrid, em 1748. Sobre a expedição e os textos que gerou, ver: MARTINS. *Op. cit.*, 2012b, p. 303-324.

De manuscrito a livro

"[...] a questão essencial que, na minha opinião, deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura, é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem."
(CHARTIER, 2002).

Em um estudo preliminar à obra do seu colega jesuíta, Guillermo Furlong conta que Falkner foi visitado na Inglaterra por Thomas Pennant, amigo e correspondente de Carl Liné e Buffon.⁴⁹ Aos 70 anos, "corporalmente activo, brusco en sus maneras como quiera quien nunca llegó a abandonar las que adquirió en los 38 años que vivió entre los salvages", Falkner teria compartilhado com Pennant parte dos seus conhecimentos sobre aquelas regiões distantes e exóticas.⁵⁰

A visita pode ser tida como indicativo de que ele usufruiu de alguma notoriedade entre os círculos ilustrados da Inglaterra da época. Também seus companheiros exilados na Itália e que, como dissemos, procuravam levar adiante uma "obra memorial" da missão americana, tinham em boa conta a produção do colega. Por isto, após o seu falecimento, pediam que seus "escritos y valiosos documentos" fossem recuperados. Mencionam, entre outras coisas, "una gran colección (4 tomos en folio) de observaciones botánicas, mineralógicas, etc., coleccionadas por él en América".⁵¹ Uma carta de 1788 indicava que seus colegas almejavam obter estes materiais e ansiavam que fossem publicados, mesmo que na Inglaterra:

Nuestros Padres hispano-americanos están muy contentos de saber que se han encontrado algunos fragmentos de los escritos de Falkner y esperan poder aprovecharlos. Los que le conocieran en Sur América, conservan [...] grande estima de sus conocimientos relativos a aquellos países. Esperan encontrar cosas tan útiles como curiosas en sus papeles, estén en la lengua que estuvieren.⁵²

Ao lado do manuscrito que deu origem ao livro, é possível que o inglês tenha escrito também um extenso tratado sobre as enfermidades e suas curas por meio de drogas americanas. Efetivamente, Falkner foi um médico respeitado e, segundo se diz, o único em Córdoba onde vivia no momento em que foi detido e desterrado.⁵³ Este material, contudo, está perdido, e as notícias que temos sobre ele chegam por meio de informações indiretas feitas por seus companheiros, pelo que, a única obra de Falkner que foi publicada é a *Descripción de la Patagonia y partes adjacentes*. Antes que isto ocorresse, ela passou por um evidente processo de edição que se explicita no Proêmio. Escrito por William Combe, este prefácio introduz o livro que o editor trouxe a público na Inglaterra, em 1774.

⁴⁹ Enquanto Lineu criou a nomenclatura binomial e a classificação científica moderna, as teorias naturalistas como George-Loui Leclerc, conde de Buffon, influenciaram toda uma geração de estudiosos. Ver: PRATT. *Op. cit.*, 1999.

⁵⁰ FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 93.

⁵¹ FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 97.

⁵² FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 98.

⁵³ Em seu estudo preliminar, Furlong agrega algumas notas - que teriam sido escritas pelo próprio Falkner - em que são descritos procedimentos médicos que o inglês teria adotado no cuidado de alguns pacientes. FURLONG. *Op. cit.*, 1954, p. 75-80.

Ismael Calvi Silveira, ponderando sobre as diferentes formas de "apropriação" de um escrito, se refere ao sentido de "tomar posse", de "reclamar o poder sobre um texto para silenciá-lo". Além disto, menciona a "atividade criativa que dá sentido(s) ao escrito, sentido(s) este(s) que pode(m) fugir do intuito original que o autor tinha quando escreveu".⁵⁴

Na época em que foi publicado esse livro, a figura do editor ganhara papel crucial, o que também é parte da cultura escrita em que ele foi forjado. No caso que aqui importa, foi Combe que permitiu ao texto de um jesuíta proscrito alcançar o público. A distante Patagônia chegava assim ao conhecimento do leitores da obra, a partir de um intrincado exercício de tradução que iniciava pelo religioso que a observou, passava pelos informantes que o comunicaram de notícias sobre o que não viu, bem como pelos interesses do editor que deu ao manuscrito a sua forma impressa.

Combe era um seguidor dos princípios do primeiro ministro inglês William Pitt, defendendo uma ativa política em favor do poder marítimo e do colonialismo. Por este motivo, podemos presumir que ele leu com forte interesse certas passagens do manuscrito de Falkner. Seria este o caso da forma pela qual o jesuíta critica a política colonial espanhola e a fragilidade defensiva do território austral:

[...] no son gran cosa como soldados, y tan descontentos se hallan con el gobierno español, mal estado de los negocios, carestia de todo lo que son mercaderías de ultramar, y lo que es peor, impuestos exorbitantes, etcétera que de buen grado se verían submetidos de cualquier otra nación que los libertara de la opresión en que se hallan sumidos. Y todo esto no obstante, el país entero está sin más defensa que una poca tropa veterana em Buenos Aires y Montevideo; y bastaria tomar estas dos plazas para que todo el país se sometiera con sólo hacer un paseo militar por él, porque los criollos se harían unos con el enemigo cualquiera que fuese.⁵⁵

Como não podia deixar de ser, passagens como essa pesaram fortemente na avaliação que os espanhóis fizeram do livro impresso. Não temos como ponderar sobre o que pretendeu o jesuíta ao escrevê-la, mas compreendemos que, ao conferir ao trabalho de Thomas Falkner a sua forma impressa, o editor não deixou de se apropriar do seu conteúdo e de lhe atribuir sentidos que podiam não ser os mesmos do autor. Segundo Roger Chartier, nenhum texto existe dissociado do suporte que lhe confere legibilidade: "qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor [...]".⁵⁶ De fato, embora afirme nas suas linhas iniciais que o material poderia servir de entretenimento a um público curioso, o preâmbulo esclarece que o editor tinham em mente "alguns interesses públicos". Sem dúvida, situar a Inglaterra numa posição vantajosa na competição internacional pelos mares e por territórios coloniais por meio do "conhecimento", era um dos alvos visados por Combe.

⁵⁴ SILVEIRA, Ismael Calvi. *Navegando em mares ilustrados: ciência, política e discurso colonial na expedição Malaspina-Bustamante (1789-1794)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2015, p. 92.

⁵⁵ FALKNER. *Op. cit.*, 2003, p. 115.

⁵⁶ CHARTIER. *Op. cit.*, 1992, p. 220.

Ele conta nessa introdução, haver conhecido alguém com longos anos vividos na América do Sul e obtido um mapa que procedia de observações pessoais do seu agente, junto ao qual ele publicava uma descrição do "país" e de seus habitantes.⁵⁷ Além disto, Combe explicita seu apoio à energização da política marítima inglesa e indica uma série de vantagens que adviriam do comércio com as possessões da Coroa espanhola. Ele censura o sistema comercial imposto às colônias, avaliando-o como "entorpecido" por "formalidades inúteis" e "demoras prejudiciais", cujo resultado era o favorecimento de práticas ilícitas.⁵⁸ Deve ter, desta maneira, lido com satisfação o julgamento de Falkner de que os colonos manifestavam descontentamento com impostos exorbitantes e carestia dos produtos.⁵⁹

Com efeito, suas notícias dão a entender que, caso fosse atacada, a Espanha enfrentaria problemas para defender os territórios austrais.

La gente de estes países no son gran cosa como soldados y tan descontentos se hallan con el gobierno español, mal estado de los negocios, carestia de todo lo que son mercaderías de ultramar, y lo que es peor, impuestos exorbitantes, etc, que de buen grado se verían subtidos de cualquier otra nación que los libertara de la opresión en que se hallan sumidos. Y todo esto no obstante, el pais entero está sin mas defensa que una poca tropa veterana em Buenos Aires y Montevideo; y bastarría tomar a estas dos plazas para que todo el país se sometiera con sólo hacer un paseo militar por él, porque los criollos se harían unos con el enemigo, cuaquiera que fuese.⁶⁰

Apesar disso, o editor advoga que a Inglaterra não tinha pretensões colonizadoras em relação aos territórios do império espanhol, afirmando que suas posições nas Malvinas⁶¹ ou Gibraltar eram apenas defensivas. De acordo com ele, o motivo para a edição do livro residia na sua expectativa de que pudesse haver uma "franca reconciliação" entre as cortes de Madrid e Londres, e que os comerciantes do seu país pudessem ter renovado o "trato de negros" a que haviam tido direito depois do Tratado de Utrecht. Segundo ele ainda, o comércio realizado por meio de Buenos Aires se apresentava muito mais vantajoso do que o que se podia realizar em Portobelo e Panamá, uma vez que ele podia colocar os negociantes em contato com as grandes províncias de Buenos Aires, Paraguai e Tucumán, além de Chile e Peru. Contudo,

⁵⁷ Respectivamente: "some public utility" e "becoming acquating with a person who had resided near forty years in South America, and had been employed in surveing and making charts of the country, I obtained him the favour of him to make a map, according to what had himself observed, and what he had discovered from the relations of others; to which he added a description of the country, and of the Indian inhabitants". COMBE. *In*: FALKNER. *Op. cit.*, 1774, p. 1.

⁵⁸ "This easily might be done without diminishing the public revenue of the King of Spain by altering the present complicated and uncertain mode of taxation and by abolishing unnecessary formalities, tedious delays, and expensive applications to the spain ministers [...]". COMBE. *In*: FALKNER. *Op. cit.*, 1774, p. 6-7.

⁵⁹ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 77.

⁶⁰ FALKNER. *Op. cit.*, 1974, p. 77.

⁶¹ Um estabelecimento nas Malvinas seria promissor: "The establishment of an english colony in Falklands Islands is said to be in consequence of an opinion ot the late Lord Anson, who thought that a settlement, and the fecuring a good harbour of a English ships, in the southern seas of America was a propor mesure for extending the commerce and marine empire of Great Britain". COMBE. *In*: FALKNER. *Op. cit.*, 1774, p. 1.

estas palavras entram em contradição com sua ideia de que não seria improvável que os britânicos, como amigos ou inimigos, tivessem que entrar com seus navios pelo rio da Prata.⁶²

Logo nos primeiros parágrafos do Prólogo, Combe destacou que o produto que ele apresentava ao público havia sido realizado a partir dos manuscritos do jesuíta. Não se tratava pois, do texto tal qual fora escrito originalmente. O editor assegura que sua ingerência se dera apenas na linguagem e na ordem do material e que nada havia sido associado ao manuscrito: "Me permiti fazer algumas alterações na linguagem e na ordem do que foi escrito; mas não agreguei nada à relação do velho viajante";⁶³ sabemos, entretanto, que esta vem a ser uma intervenção considerável.

Refletindo sobre os processos de mediação entre a autoria de um texto e o livro que resulta de sua publicação, Chartier avalia que, desde que eles adquiriram formas impressas com a invenção de Guttemberg, os impressores impõem suas marcas ao resultado final. Tais transformações determinam, muitas vezes, que todos aqueles implicados no processo de publicação tenham papel decisivo na "criação de sentido" do texto. Todos tornaram-se, de certo modo, autores dos livros diante de um conjunto de intervenções que acompanham a publicação dos textos. Os autores, esclarece ele, não escrevem livros, nem mesmo os próprios. Os livros manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõe decisões, técnicas e competências muito diversas.⁶⁴

Nessa perspectiva, os textos são uma construção feita a partir de vários materiais, elemento que deve ser considerado para entendermos o modo como eles se erigem. As formas pelas quais os textos se oferecem à leitura, participam, elas também, da construção de sua significação. Portanto, como aqui, os dispositivos que resultam da impressão do manuscrito do jesuíta, produzidos por decisão editorial ou pelo trabalho de oficina, são um elemento exterior, mas não de menor importância. Além do mais, em decorrência da falta do manuscrito original, não temos como avaliar as interferências que ele sofreu no processo que o transformou em livro.

A mediação exercida por Combe pode ser uma explicação, por exemplo, para o fato de que a narrativa de Falkner quase não contemple elementos que tradicionalmente nortearam a tarefa escriturária da Companhia desde as orientações de Polanco, secretário de Inácio de Loyola. Com efeito, o livro não evidencia manifestações de pietismo e devoção, nem traz narrativas edificantes que são bastante comuns entre autores jesuítas da época. Também não se percebe alguma forma de debate com os detratores da Ordem ou a defesa do que tinham realizado em sua missão no Novo Mundo.

Por outro lado, passagens como as que citamos, criticando a administração colonial espanhola e seu sistema defensivo, ajudam a compreender porque a *Description of Patagonia*

⁶² "As it is probable that English ships may one day enter of the River Plate, either as friend or enemies [...]". COMBE. *In*: FALKNER. *Op. cit.*, 1774, p. 3.

⁶³ "Some alteration has been made in the language and order of what he had wrote. But nothing has been added to the narrative of the old travel". COMBE. *In*: FALKNER. *Op. cit.*, 1774, p. 1.

⁶⁴ CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". *Estud. av.*, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010, p. 21. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103. Acesso em: 25/11/2014.

não foi bem recebida na Espanha. O livro chegou a ser traduzido por um espanhol residente na Inglaterra (Manuel Machón), que enviou o manuscrito para a corte madrilena. Apesar disto, ele não foi publicado no reino ou em suas possessões de ultramar,⁶⁵ o que implicaria em uma das formas de "apropriação" a que nos referimos anteriormente, isto é, reclamar o poder sobre um texto para silenciá-lo.

Podemos, finalmente, pensar no "poder do leitor sobre o texto", seja o de Combe, que leu o manuscrito movido por interesses específicos, seja relativamente a Machón representando as preocupações de outra comunidade de leitores, formada pelos espanhóis. Em outras palavras, como afirmou Chartier, é essencial "compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos".⁶⁶

Tendo em conta o peculiar momento histórico em que a obra foi dada a conhecer, marcado pelas profundas transformações na política internacional europeia, ela foi considerada como um desserviço à Espanha. De outro lado, foi tida como favorável aos interesses da Inglaterra que estava fortalecida pelas determinações do Tratado de Utrecht (1713-1715) e, apoiada em sua armada, apresentava-se como a grande controladora das rotas navais mais importantes. A nova dinastia no poder na Espanha, por seu turno, orbitara para a esfera de influência francesa, o que marcava as posições em disputa.

É nesse contexto que a narrativa de Falkner, uma vez impressa, ostentou passagens que foram lidas com grande interesse na Inglaterra. Traduções do texto rapidamente circularam em alemão (1775) e francês (1785). Na Espanha sua recepção foi diferente e o livro foi visto com compreensível temor na corte de Madrid, inclusive por antecedentes como a viagem de George Anson aos mares do sul (1740-1741). A reação das autoridades a esta ameaça em potencial estimulou expedições de exploração e reconhecimento dos territórios austrais que culminaram com a fundação de um forte, *Carmen de Patagones*, em 1779. O movimento de apropriação deste território que então ganharia força dava continuidade a um processo que começara, ou ao menos ganhara impulso, por meio da cultura escrita.

Maria Cristina Bohn Martins: Doutora em História pela PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. Coordenadora do Grupo de Pesquisas (CNPq) "Jesuítas nas Américas" e membro do Grupo de Pesquisas "História das Américas: fontes e historiografia". Atua na área de História da América, em temas ligados às sociedades indígenas, missões religiosas, dinâmicas de fronteira e relações interétnicas.

⁶⁵ Na Argentina, a obra foi publicada como parte da famosa *Colección* organizada por Pedro de Angelis em meados do XIX.

⁶⁶ CHARTIER. *Op. cit.*, 1998, p. 16.